

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

GESTÃO EM ARTES VISUAIS Parte 10

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

*As Associações de
artistas.*

Entidades e associações de classe no campo da Arte Visual.

Embora exista uma classificação de categorias profissionais neste campo de atuação, não há qualquer controle sobre ela. Nem do Estado, como responsável pelas relações sociais, nem dos profissionais da área por falta de organização própria.

Existindo atualmente várias instituições como associação, núcleos e sindicatos, mesmo assim não há uma integração entre elas capaz de arregimentar pessoas e constituir uma massa política ativa para organizar seus anseios e reivindicações em prol da regulamentação profissional que estabeleça normas e critérios de atuação.

Iniciativas de fundação de Associações de artistas, produtores de arte e outras instituições, embora existam, atuam em circuitos locais, regionais ou estaduais, poucas abrangência nacional.

A mais famosa é a ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, de forte perfil acadêmico e dedicada principalmente aos pesquisadores vinculados às instituições superiores de ensino, pouco relacionada aos produtores de Arte.

Conselho nacional de política cultural

<http://www.cultura.gov.br/cnpc>

Abarte –
Associação Brasileira de Arte.

<http://www.abart.com.br/>

ABD - Associação
brasileira de desenho e
artes visuais.

<https://pt-br.facebook.com/pages/category/Education/ABD-Associa%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-Desenho-e-Artes-Visuais-502625043125596/>

SINAP - Sindicato
nacional de Artistas
Plásticos -

<https://www.sinapespaiap.com.br/sobre-o-sinap-aiap>

APAP – Associação
Profissional de Artistas
Plásticos de São Paulo.

<http://www.apap.art.br/>

APAP – Associação
Profissional dos Artistas
Plásticos do Paraná

<http://www.apap.com.br/institucional.php>

Proteção à obra de arte e ao autor

O diploma legal que protege os direitos autorais, Lei nº 9.610, de 19/2/98, em seu capítulo III, que trata do "Registro das Obras Intelectuais", preceitua:

Art. 18. A proteção aos direitos de que trata esta Lei independe de registro.

Art. 19. É facultado ao autor registrar a sua obra no órgão público definido no caput e no § 1º do art. 17 da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973.

Art. 20. Para os serviços de registro previstos nesta Lei será cobrada retribuição, cujo valor e processo de recolhimento serão estabelecidos por ato do titular do órgão da administração pública federal a que estiver vinculado o registro das obras intelectuais.

Art. 21. Os serviços de registro de que trata esta Lei serão organizados conforme preceitua o § 2º do art. 17 da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973.

Assim, já que a lei atual se reporta aos § 1º e 2º do art. 17 da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973, veja o que eles preceituam:

Art. 17 (da Lei nº 5.988, de 14/12/1973) - Para segurança de seus direitos, o autor da obra intelectual poderá registrá-la, conforme sua natureza, na Biblioteca Nacional, na Escola de Música, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Instituto Nacional do Cinema, ou no Conselho Federal de Engenharia Arquitetura e Agronomia.

§ 1º Se a obra for de natureza que comporte registro em mais de um desses órgãos deverá ser registrada naquele com que tiver maior afinidade.

§ 2º O poder executivo, mediante decreto, poderá, a qualquer tempo, reorganizar os serviços de registro, conferindo a outros Órgãos as atribuições a que se refere este artigo.

***Espaços de trabalho dos
artistas.***

Os espaços de trabalho variam conforme as poéticas adotadas. Oficinas, Estúdios, Atelier foram termos adotados para fazer referência ao local de trabalho do artista. O de maior *glamour*, talvez seja atelier termo de origem francesa para estúdio. Atualmente também chamados de oficinas ou laboratórios, são os nomes que tais espaços de trabalho assumiram ao longo do tempo.

Tanto as dimensões quanto os equipamentos, ferramentas, capacidade para acolher maior ou menor número de pessoas variam de acordo com o tipo de necessidade e atividades desenvolvidas em cada um deles.

Tanto um escritório provido de computadores, impressoras e conexões em rede quanto oficinas dotadas de máquinas e ferramentas, lápis, pincéis, tintas entre tantos outros instrumentos podem ser o lugar ideal para o desenvolvimento de trabalhos artísticos. Assim como uma prancheta, um cavalete, um simples um pedaço de papel, qualquer superfície, suporte pode ser suficiente para dar vazão aos processos criativos.

Hoje em dia a desmaterialização e virtualização das manifestações artísticas podem prescindir de tudo isto e ser realizada apenas num dispositivo móvel de comunicação...

Por outro lado, nem sempre os artistas investem em material, ferramentas, máquinas e equipamentos ou mesmo o espaço ao seu fazer. Neste caso, podem optar pelo aluguel de espaços e pela terceirização de serviços, máquinas, ferramentas e equipamentos ou contratar de serviços de terceiros para execução de certas obras.

Atualmente há a possibilidade de ocupar ambientes em co-participação, chamados de co-working.

Muitas das chamadas Residências Artísticas, operam deste modo. Nelas os artistas compartilham espaços e projetos e equipamentos.

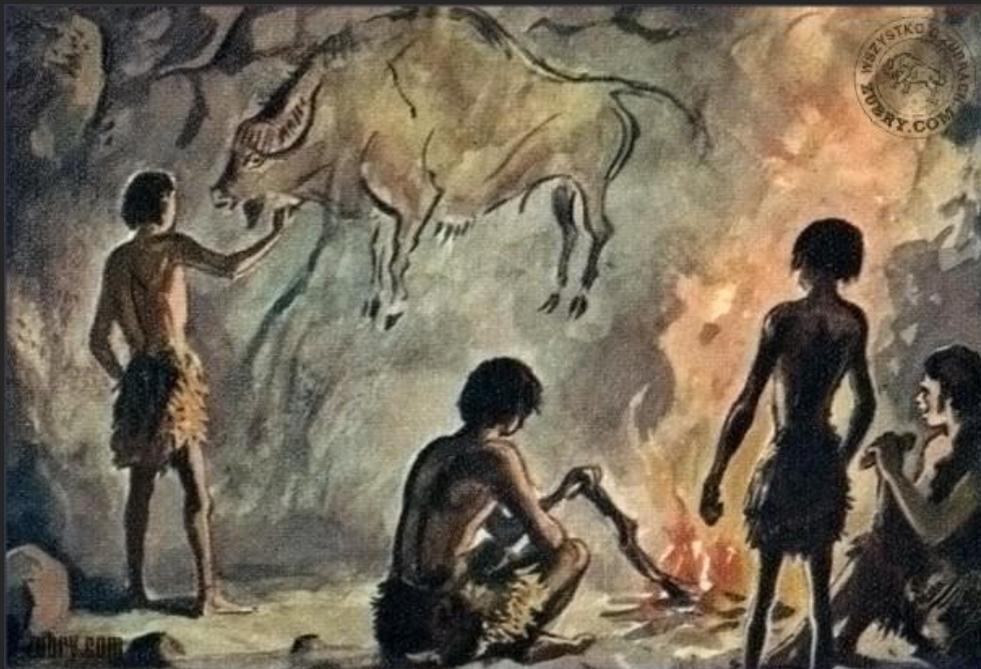
Muitos artistas faziam de seus ateliês um espaço para implementar suas atitudes e personalidade e, deste modo, construir uma presença sui generis no contexto da Arte.

Vários exemplos disso podem ser retirados da História da Arte e facilitar a compreensão de como um ambiente de trabalho identifica, qualifica ou explica certas atitudes criativas.

Neste sentido o ateliê, estúdio, oficina ou escritório pessoal pode ser o melhor espaço para a realização dos projetos individuais. Na medida em que o artista tem condições de manter um ambiente próprio pode impor a ele sua personalidade fazendo com que tal espaço seja também um modo de expressar sua atitude e presença na Arte.

Nos primeiros milênios e séculos, pouco sabemos a respeito dos processos e ambientes de produção artística, muito do que se sabe deduz-se de textos remanescentes da antiguidade, do medievo e, a partir da Idade Moderna já se tem mais dados sobre como os artistas trabalhavam, mesmo assim, não se sabe tudo.

Vários estudiosos têm se dedicado a entender, compreender e também explicar os processos criativos da Arte na pré-história, isto tem proporcionado aos ilustradores um estímulo para imaginar como tais pessoas trabalhavam:



E que materiais e instrumentos usavam:





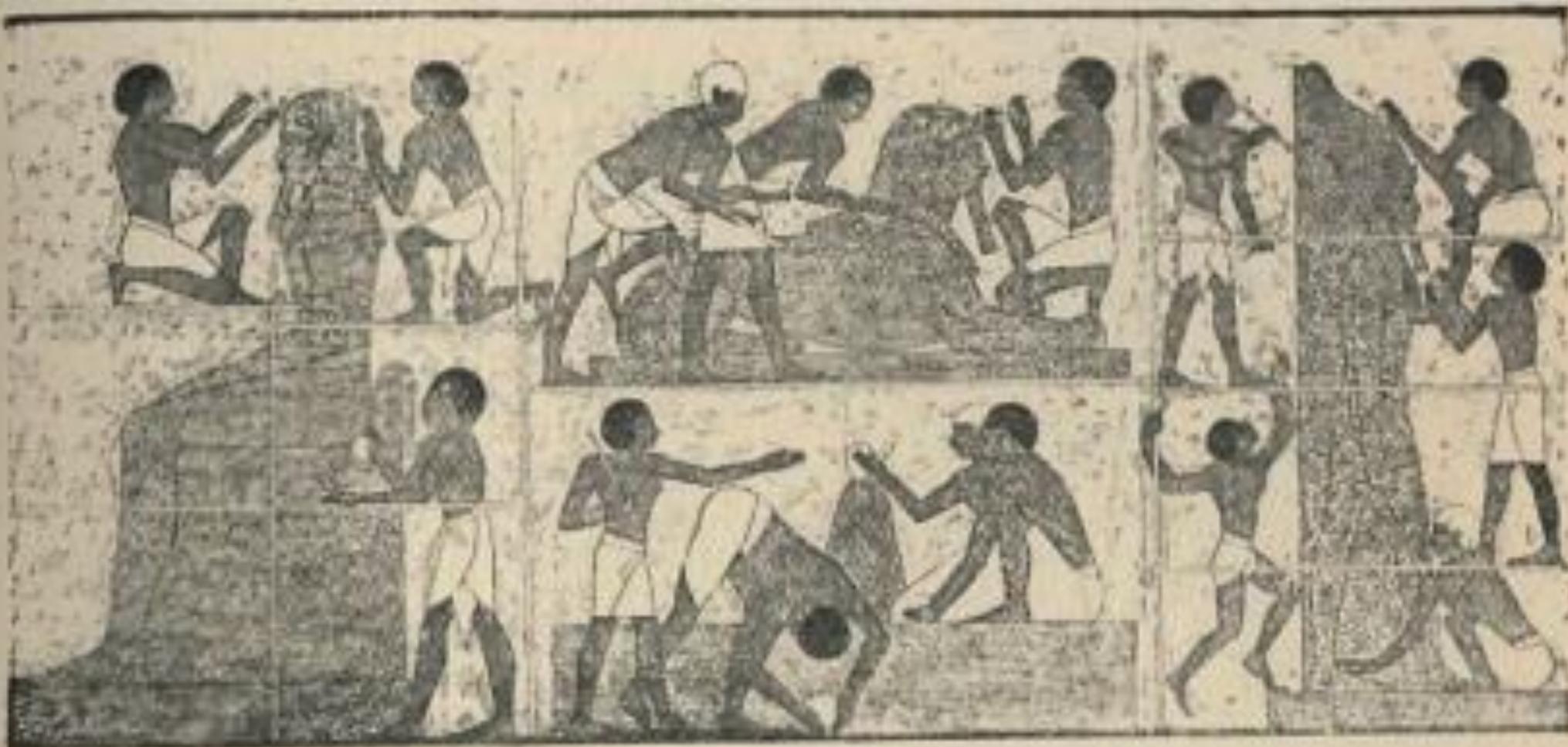
http://www.ancientcraft.co.uk/Archaeology/stone-age/stoneage_art.html

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

Na antiguidade, a civilização egípcia tinha o hábito de informar tudo via as pinturas nas paredes dos túmulos. Lá são encontradas informações sobre vários processos, seja de mumificação, plantio, colheita, produção de vinho e também sobre arte.

Admite-se que a maior parte do trabalho era realizado no próprio ambiente onde passarão a existir: nos templos, túmulos e palácios.

Não há muita documentação sobre as oficinas ou estúdios, grande parte das informações vem de relatos, assim é importante usar a imaginação para construir uma visão de como tais espaços eram.



A SCULPTOR'S STUDIO, AND EGYPTIAN PAINTERS AT WORK.¹

No Egito antigo era comum a representação das diferentes atividades nas paredes dos túmulos, assim, boa parte dos procedimentos técnicos exercidos por eles não se perderam.



Várias atividades eram mostradas nas paredes dando conta de como tais profissionais exerciam seus fazeres.

Do Renascimento há algumas ilustrações que fazem referência aos estúdios de ensino ou de artistas que podem dar uma ideia de onde os procedimentos artísticos eram realizados.

Lembrando que também muito do que se fez nesse período era realizado no próprio ambiente de trabalho, especialmente as pinturas e ornamentação pois eram fixas e permanentes nas paredes.

A ourivesaria e pequenas esculturas e pinturas em suportes móveis, como madeira, podiam ser transportadas, neste caso, podiam ser trabalhadas no estúdio do artista.

<http://www.italianrenaissanceresources.com/units/unit-3/essays/who-were-the-artists/>



MERCVRIO E PLANETA MARCVLINO POSTO NEL SECONDO CIELO ET SECHO MA PERCHE LA ZVA SI
 CCITA EMOLTOR PAZZIVA LVI EFREDO CONVEGLI REGNICHÉ ZONO FRDDI EVMIDO COGLI HVMI
 DI E ELOQVENTE INGENGIOSO AMA LE SCIENTIE MATEMATICA E STVDIA NELLE DIVINATIONE
 HA IL CORPO GRACILE COE SCHEETTO E LABRI ZOTTELI STATVRA COMPVTA DEMETALLI A LALA
 ARGENTO VIVO ELIZVO E MERCOLEDI COLLA PRIMA ORA 8 - 15 E 22 LANOTTE ZVA E DELDI DELLA
 DOMENICA A P AMICO ILZOLE E NIMICHA VENERE LAZVA VITA OVERO EZACTATIONE E VIRGO L
 AZVA MORTE OVERO HVMIATIONE EPICE HA DVA HABITATIONE GEMINI DIDI VIRGO DIN
 OTTE VA E IZ REGNI IN 3 38 DI COMINCIANDO DA VIRGO IN ZO DIE E Z HORE VAVN ZEN
 GO

Attributed to Baccio Baldini
Mercury, from "The Planets," c. 1465
 Engraving on paper, 32.4 x 21.8 cm (12 4/5 x 8 3/5 in.)
 British Museum, London
 © Trustees of the British Museum.



L a hinc al nunciar mltas artes.

Artesãos em suas oficinas, c. 1470 - Do manuscrito "De Sphaera" fol. 12, iluminura em, velino, Biblioteca, Estense, Modena, Alfredo, Dagli, Orti.



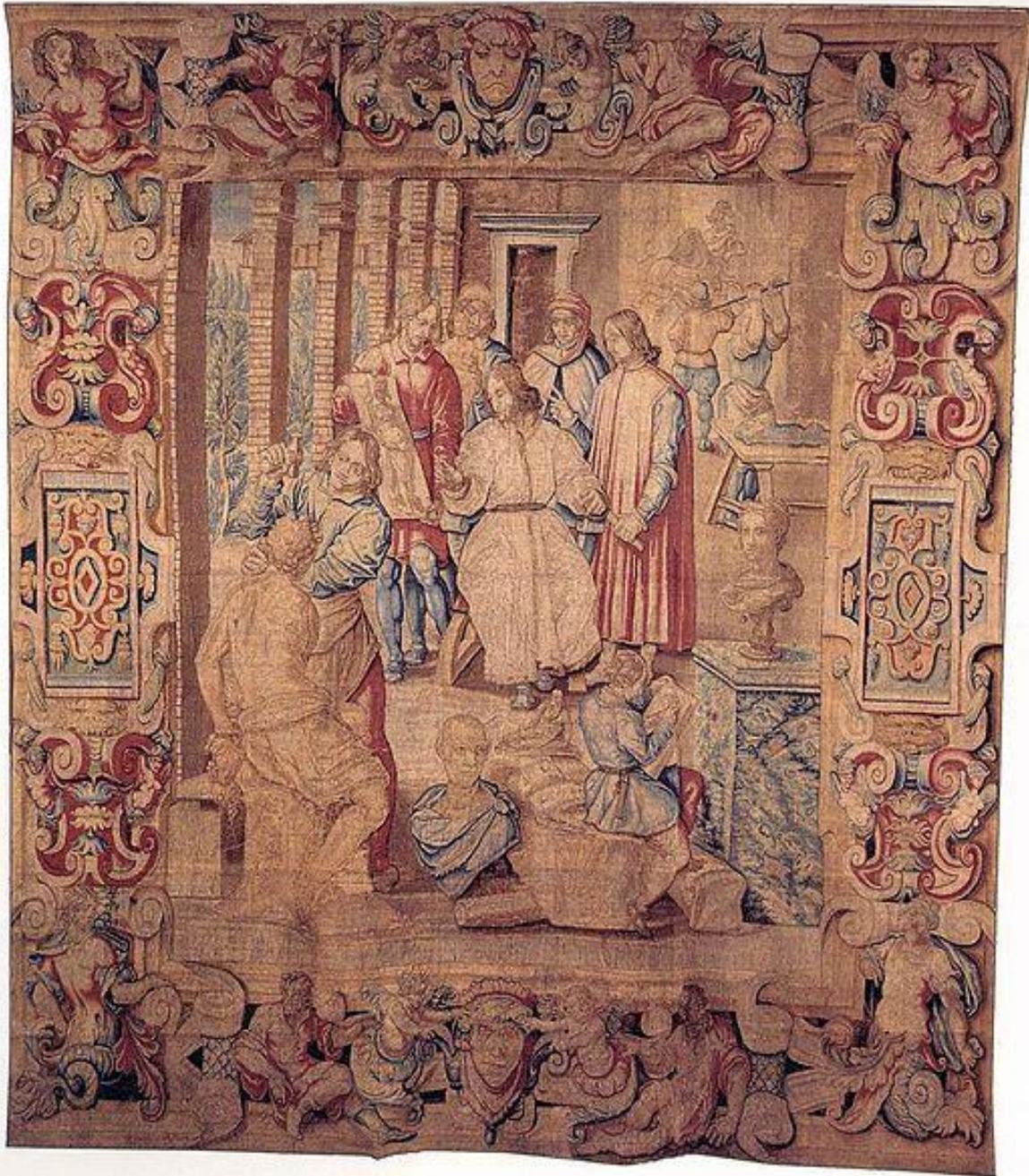
Nanni di Banco? O monumento aos quatro mártires coroados (Quattro Santi Coronati), detalhe do relevo, 1415, Florença?



Enea Vico, A Academia de Baccio Bandinelli, 1550, Gravura, 30.6 x 47.9 cm? Museu de Belas Artes, Boston



Agostino dei Musi -
A Accademia de
Baccio Bandinelli
(L'Accademia di
Baccio Bandinelli)
1531 - Gravura,
27,3 x 29,9 cm (10
3/4 x 11 13/16 in.)
Biblioteca
Marucelliana,
Firenze



Projetado por Johannes Stradanus?
Lorenzo de' Medici no Jardim de
Esculturas, 1571? Tapeçaria, 425 x
455 cm (167 5/16 x 179 1/8 in.) Museu
Nazionário de San Marco, Pisa?
Soprintendenza alle Gallerie, Florença



19.

SCULPTURA IN ÆS.
Sculptor noua arte, bracteata in lamina Scalpit figuras, atque prelis imprimit.

interior de um estúdio do Intaglio (especificamente, um gravador), mostrando uma riqueza de detalhes. Foi produzido após Jan Van Der Straet.



Cornelis Cort (Holanda, Hoorn, 1533-1578 Roma) Artista: Depois de Jan van der Straet, chamado Stradanus (Netherlandish, Bruges 1523–1605 Florença) 1578Médio: Gravação.



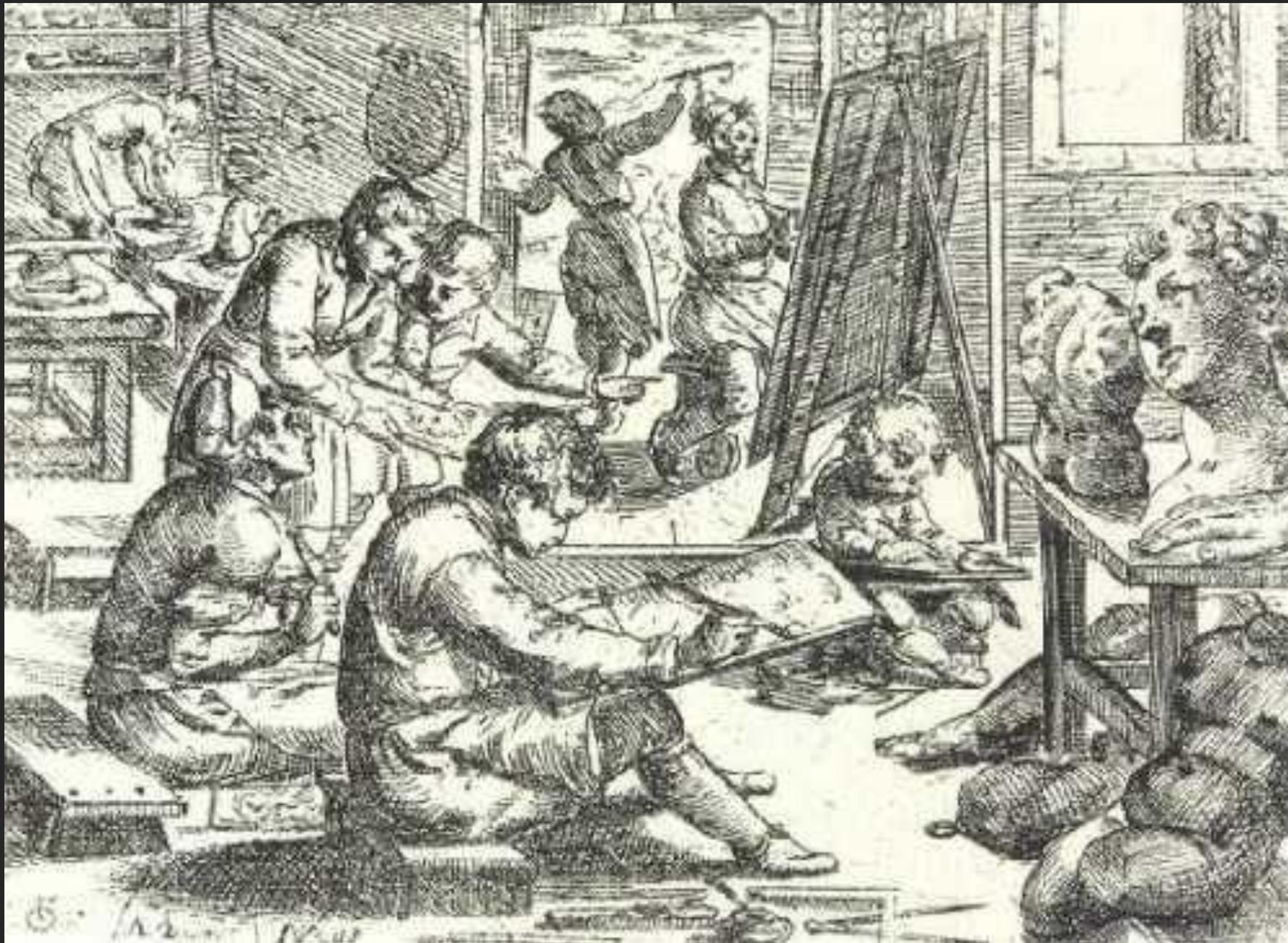
14.

COLOR OLIVI.
Colorem oliui commodum pictoribus, Inuenit insignis magister Eyckius.

O BOTTEGA
E
O STUDIOLO



Gravura por Étienne Delaune (1518–1583) de uma oficina de ourives em Augsburg, Alemanha, 1576. De John F. Hayward, *Virtuoso Ourivesaria e o Triunfo do Maneirismo, 1540–1620* (Londres: Sotheby Parke Bernet Publications, 1976), placa 3 .



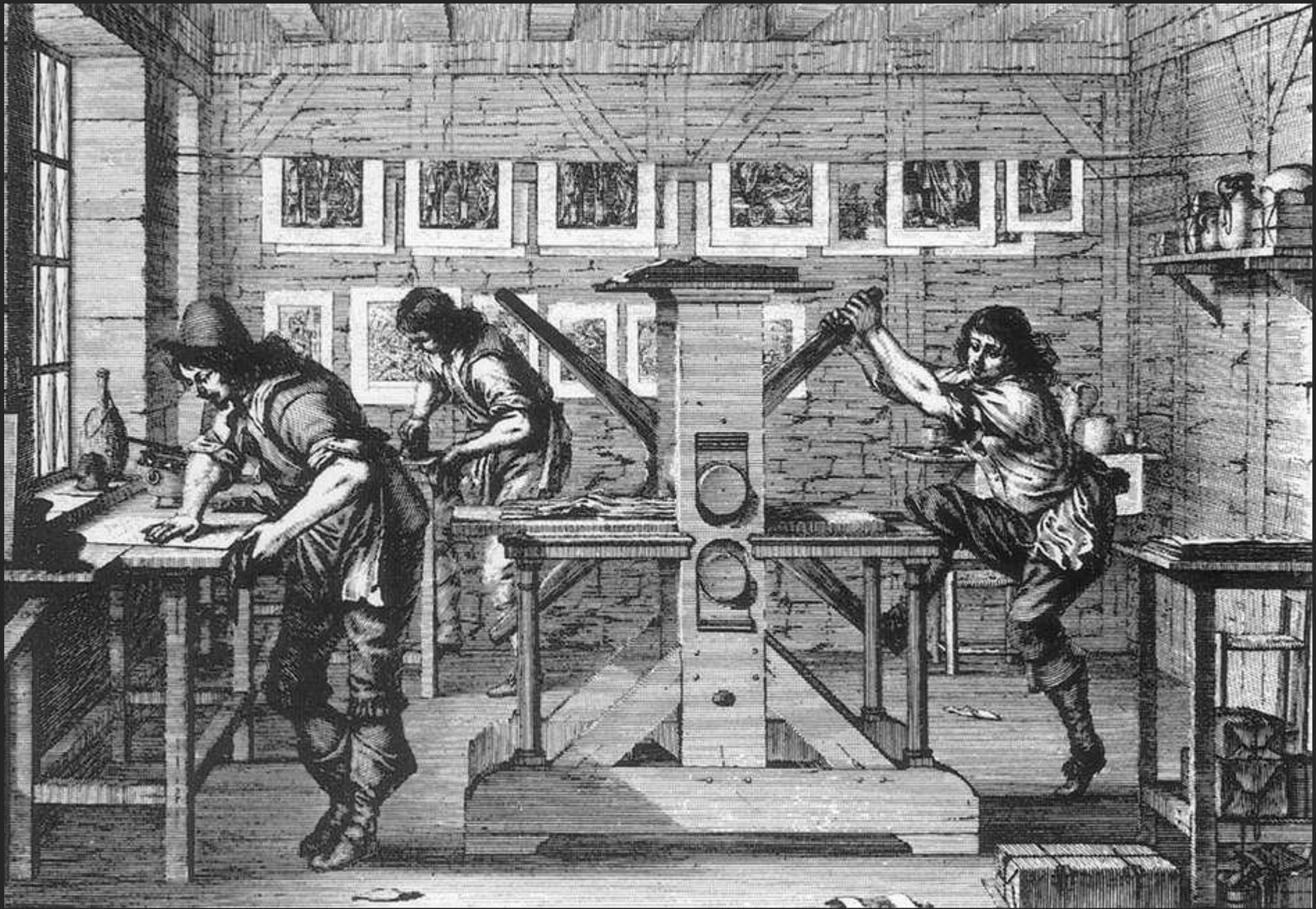
Estúdio
de
Tintoreto,
feito por
Odoardo
Fialetti,
1608



Abraham Bosse, estúdio do pintor , Museu de Belas Artes de Tours



Mestre de Balaão - St Eligius em sua oficina, 1450-60



Abraham Boss Oficina de gravura, 1642, O Hermitage.



Vermeer, retrato do artista em seu estúdio, Malcom Morley



Frans van Mieris, estúdio do pintor, c. 1655–1657



*Job Adriaensz.
Berckheyde (attr.), Visita a um estúdio, 1659*



Edouard Manet, pintura em seu estúdio, 1832-33.



Courbet, atelier do pintor, 1872.

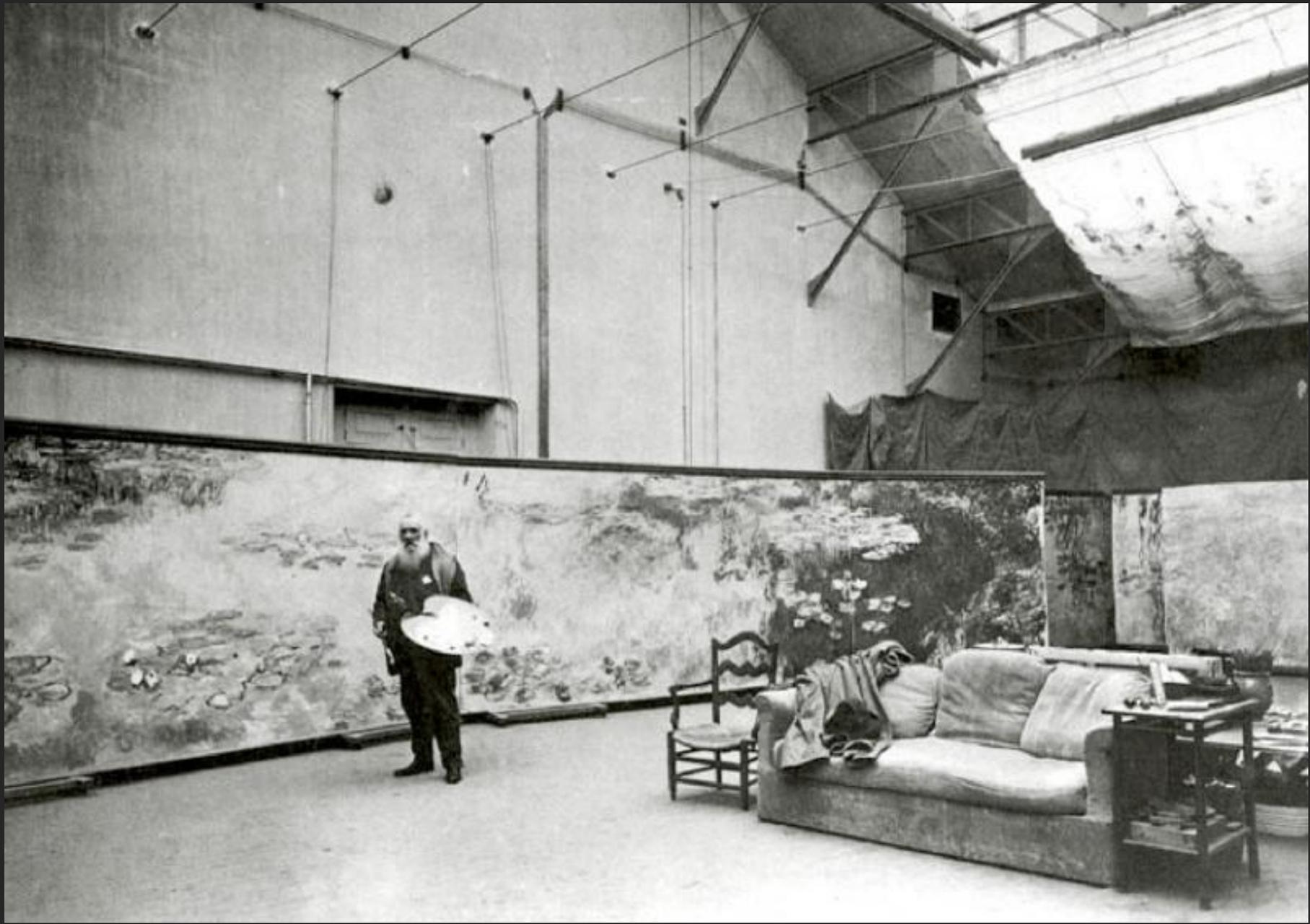


Mertens - O estúdio do pintor Jules Lambeaux 1885.



Detroit, Michigan, por volta de 1902. "Artist for Richmond & Backus, impressoras e fichários."





Monet, 1924.



Matisse, 1937.



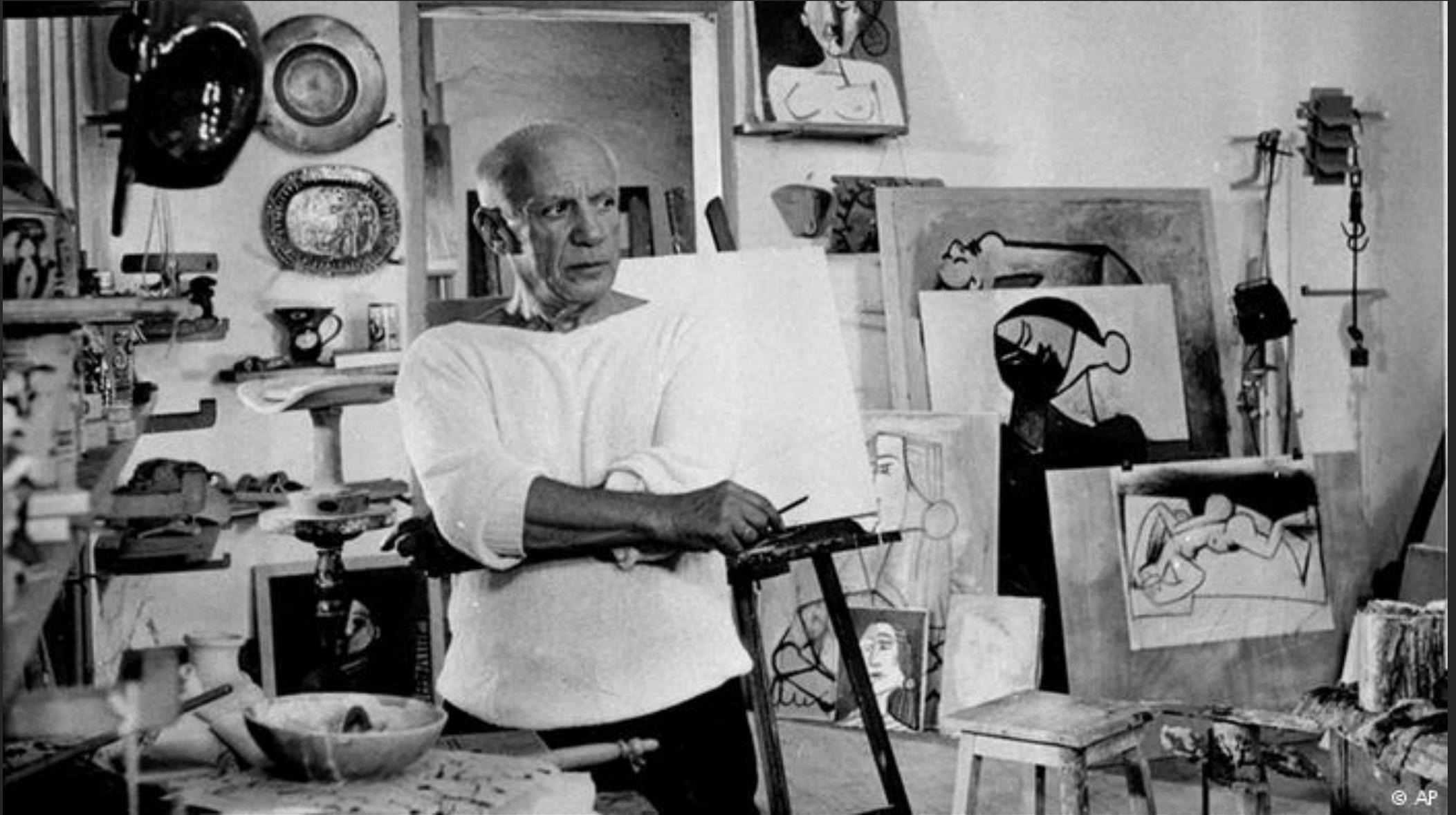
Alexander Calder, 1955.



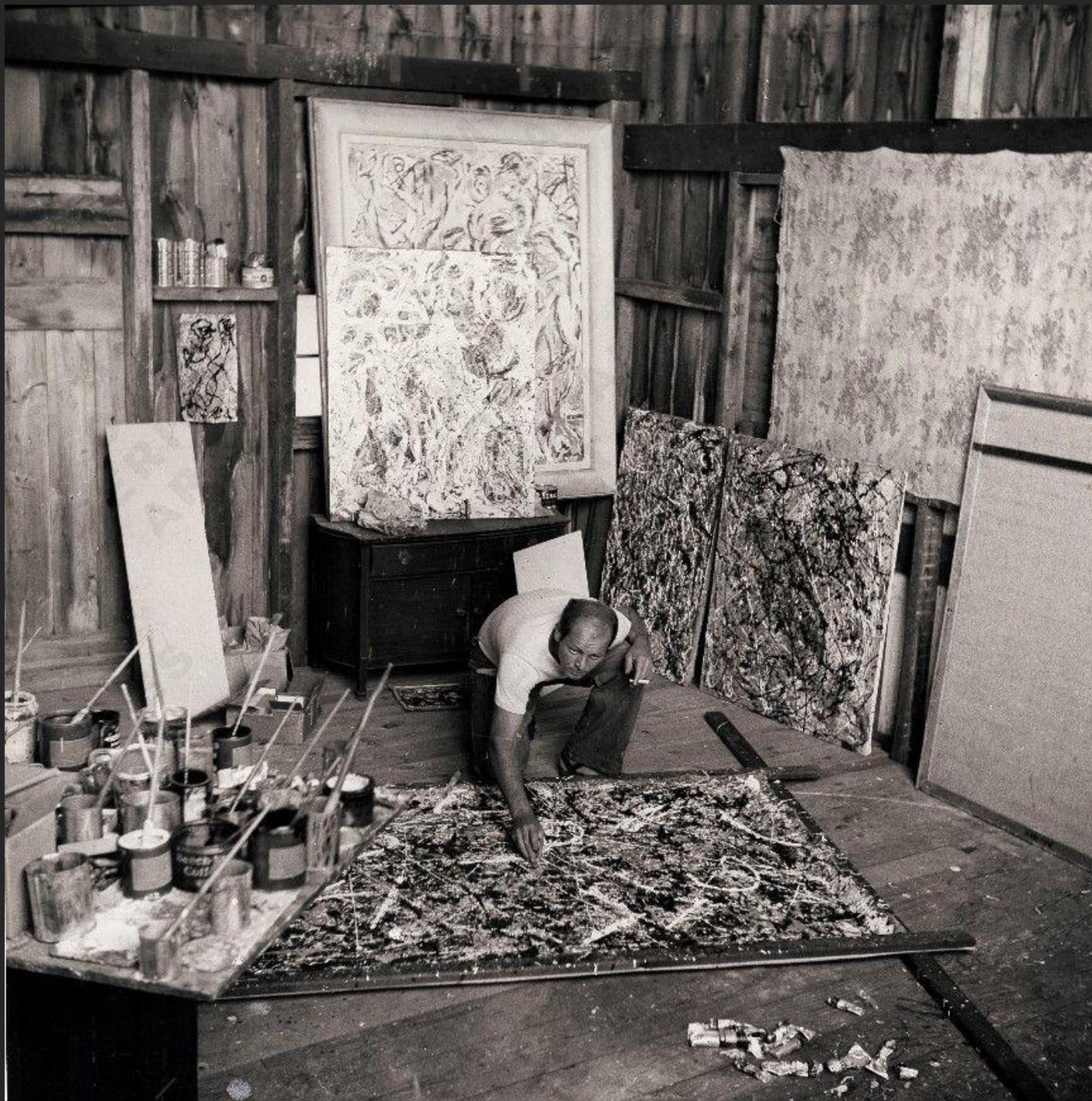
Marc Chagal, 1956.



Henry
Moore,
1966.



Picasso, 19



Jackson Pollock, 1947.

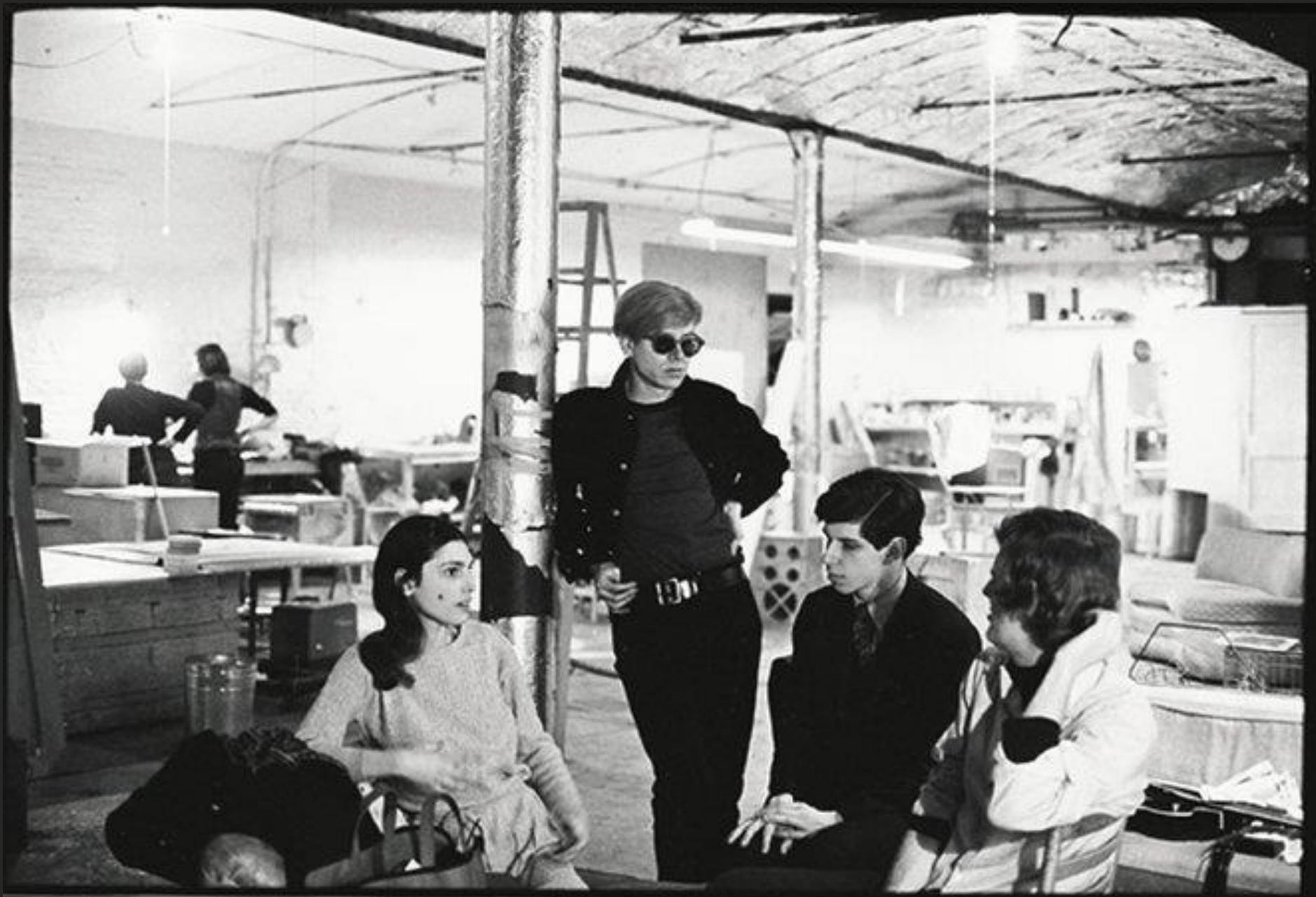
Diferentes dos estúdios montados pelos artistas para produzirem seus trabalhos, a partir da Pop Art, um novo fenômeno toma conta do ambiente da Arte.

A interação entre sociedade de consumo e os artistas levou a uma tomada de atitude coerente, senão irônica: Andy Warhol funda seu estúdio, em 1966 e o chama de A Fábrica.

The Factory passou a ser um misto de estúdio e galeria, no qual, além de servir à produção de Warhol, serviam também para a realização de eventos memoráveis.



Andy Warhol, The Factory, seu estúdio, 1966.



Andy Warhol, The Factory, seu estúdio.

Esta mesma ideia levou Jef Koons a fundar seu estúdio no Soho em NY na década de 1980.

Emprega mais de trezentas pessoas entre assistentes, técnicos e auxiliares.

<http://www.jeffkoons.com/artwork/early-works>





Jeff Koons, seu estúdio, com mais de 120 assistentes.



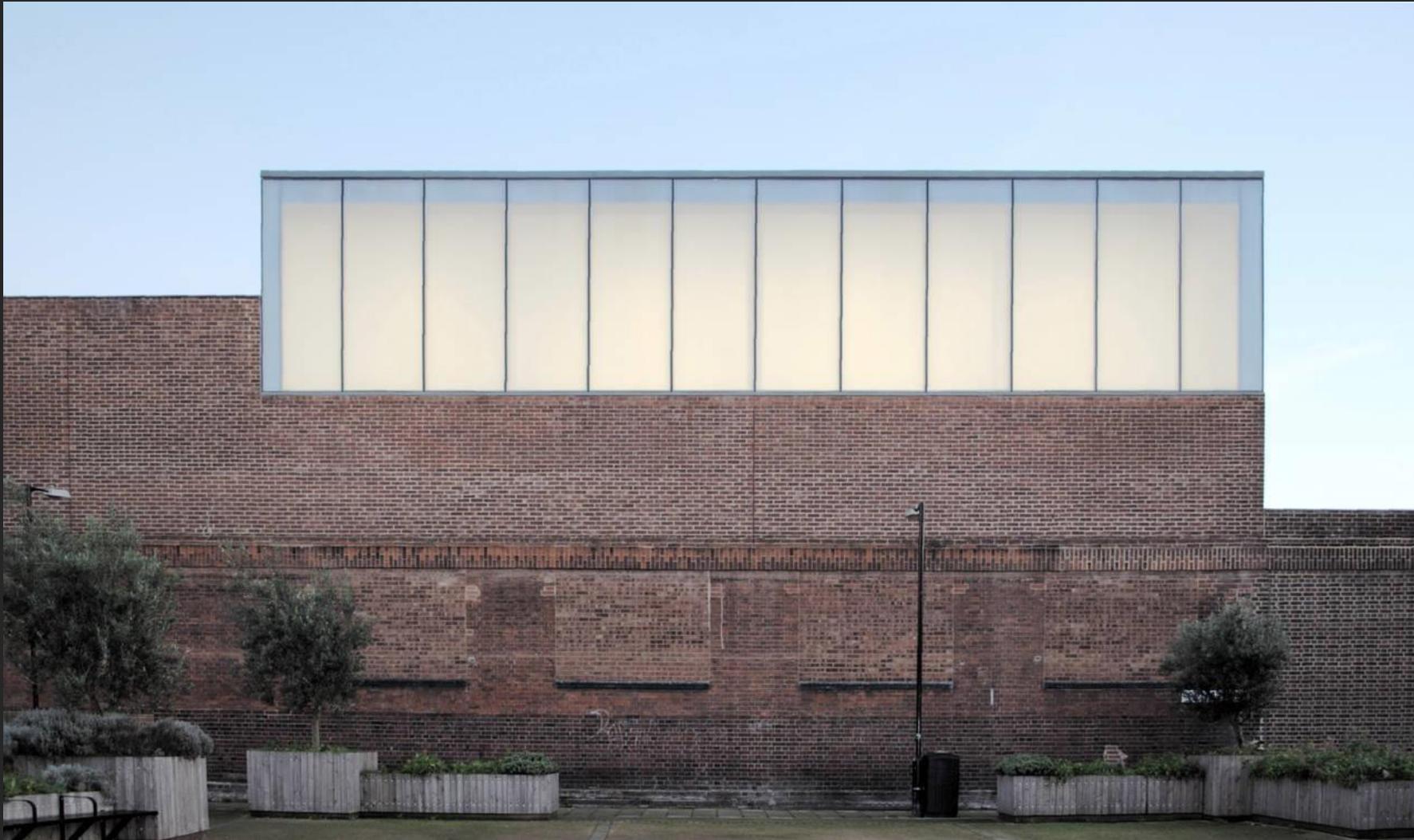


Jeff Koons, estúdio..

Artistas como Anish Kapoor, Damien Hirst, Antony Gormley tanto possuem seus megaestúdios para produção e armazenamento, quanto utilizam serviços de terceiros para realizarem suas megaobras.

Neste sentido, o campo da prestação de serviços especializados para artistas é uma opção interessante no contexto da Arte. Assim, pode-se dizer que a interação entre os artistas e os oficiais, técnicos especializados, aprendizes, assistentes e auxiliares é, desde as mais priscas eras, uma relação profícua: um não vive sem os outros.

Anish Kapoor, também adota tal ideia no seu estúdio em Londres.





Anish Kapoor.

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS



Anish Kapoor.

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

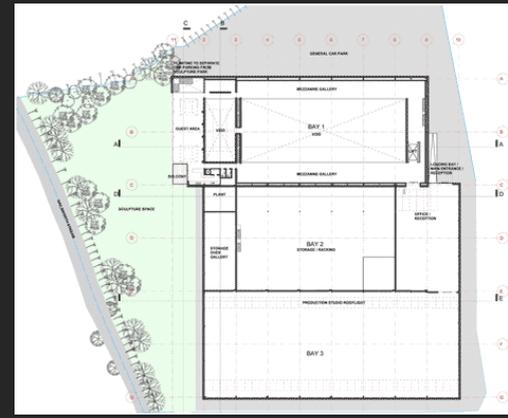
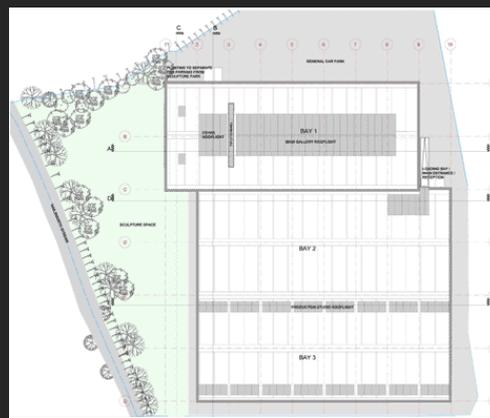
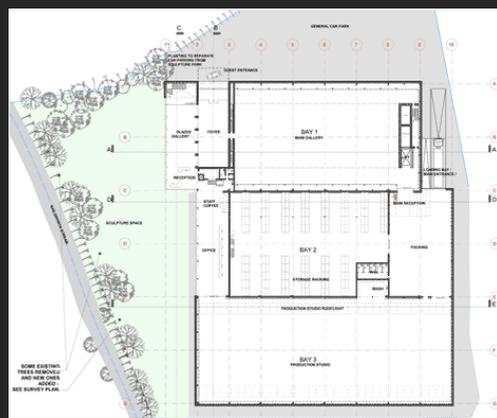
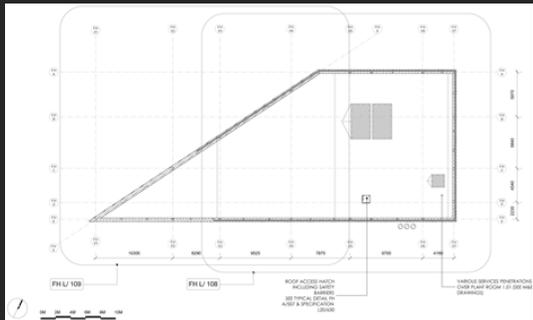
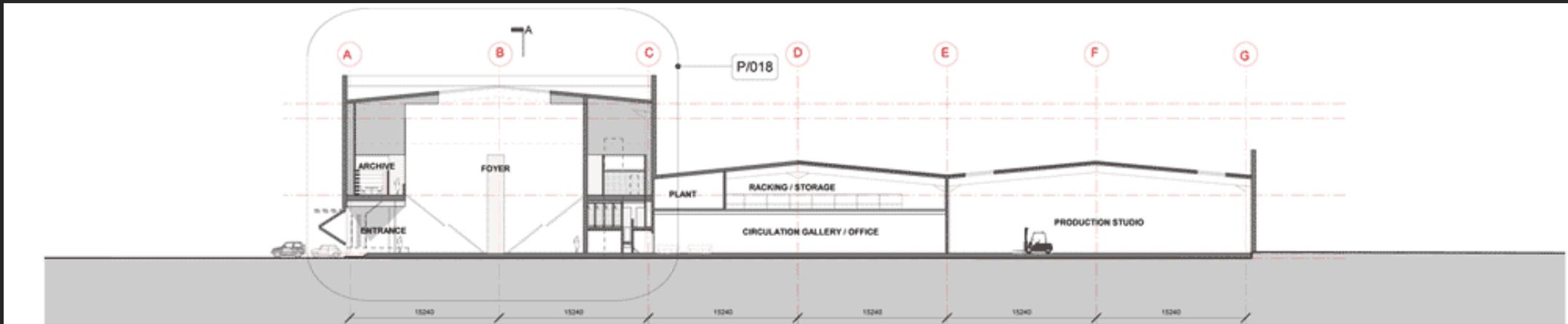
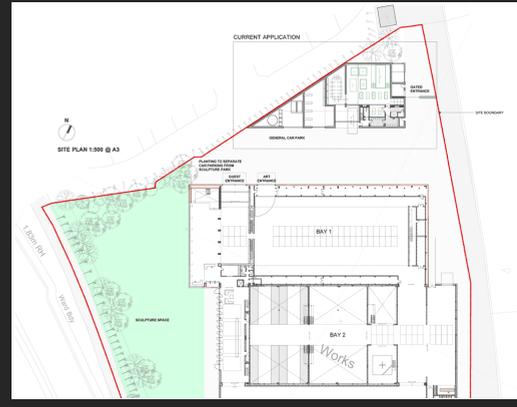


Damien Hirst dá ao seu estúdio Science LTD, um ar de ambiente laboratorial e tecnológico.









Antony Gormley, tem um
super estúdio para o
desenvolvimento e
armazenamento de suas
esculturas



David Chipperfield Architects, estúdio de Antony Gormley.





Antony Gormley.



Antony Gormley.

CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS

O brasileiro Vick Muniz, não fica isento deste comportamento, embora tenha produzido várias obras fora de estúdios, principalmente em galpões cheios de lixo, hoje mantém um belo estúdio em NY.



Estúdio de Vick Muniz, em NY.



Estúdio de Vick Muniz, em NY.





Vick Muniz, Baia da Guanabara com dejetos recolhidos do mar.

Como é possível observar, a questão do espaço é crucial para o desenvolvimento das manifestações dos artistas mais conceituados no mercado internacional.

Assim dão conta da demanda que seus trabalhos tem no mercado atual. Embora nem todos os artistas tenham a sorte ou habilidade para atuar neste mercado.

Pode-se dizer que as manifestações artísticas atuais deixaram de lado os pequenos formatos e passaram a investir em extremos formatos, tomando o espaço e a superfície do globo.

Hoje em dia é necessário redimensionar os projetos, tanto para menor quanto para maior, nem tudo é gigante, tampouco microscópico...

Entre os megaestúdios, nos quais trabalham assistentes, auxiliares e operários, há também a colaboração de terceiros, ou seja, empresas que se especializam em produzir obras para artistas. A exemplo das oficinas medievais ou do Renascimento, hoje há empresas que se tornaram referência neste atendimento pois, nem sempre é viável para os artistas investir em alta tecnologia ou especializar seus assistentes para um ou outro serviço. Neste caso entra em cena a terceirização.

No contexto das gravuras sempre foi comum contar com impressores especializados, capazes de entregar ao artista tiragens impressas de qualidade de suas matrizes, na Itália o estúdio Il Bizonte que atua em Florença desde 1959, é um bom exemplo disso.



Contudo, uma das áreas mais especializadas na prestação de serviços mais requerida é a da escultura. Tal preferência se dá por conta das dimensões, localização e especialidade dos serviços tanto na escultura em pedra quanto na fundição ou siderurgia de metais.

Nem todos artistas tem interesse ou estão dispostos a investir em oficinas deste tipo já que tanto as dimensões do ambiente, proximidade com as jazidas e pedreiras, artesãos especializados e máquinas apropriadas. O mesmo acontece com a fundição e siderurgia pois, nem sempre, os artistas estão dispostos a montar estúdios especializados para tais tecnologias.

Na Itália, Pietrasanta, na Toscana abrigava o estúdio SEM, hoje em Camaiore que, desde os anos cinquenta fundado por Sem Ghilardini, tem atendido vários artistas do mundo todo, bem como colaborado com a assessoria na produção de objetos em mármore e granito.





Henryk Hetflaisz, escultor, apoio para artistas como Hirst, em Pietrasanta, Toscana.





Parte dos trabalhos de Hirst são produzidos no Studio Sem, Pietrasanta, toscana.

Case study...

Um dos exemplos mais significativos de um novo tipo de artista no mundo contemporâneo é, sem dúvida alguma Damien Hirst, uma marca de prestígio no mercado de arte atual, midas da era da mídia e do marketing pode ser tomado como “*case de sucesso*” como se diz no mundo empresarial e administrativo mesmo porque os estudos de caso são importantes para a gestão.



Damien (Hirst) Steven Brennan,
Bristol, 7 de junho de 1965.

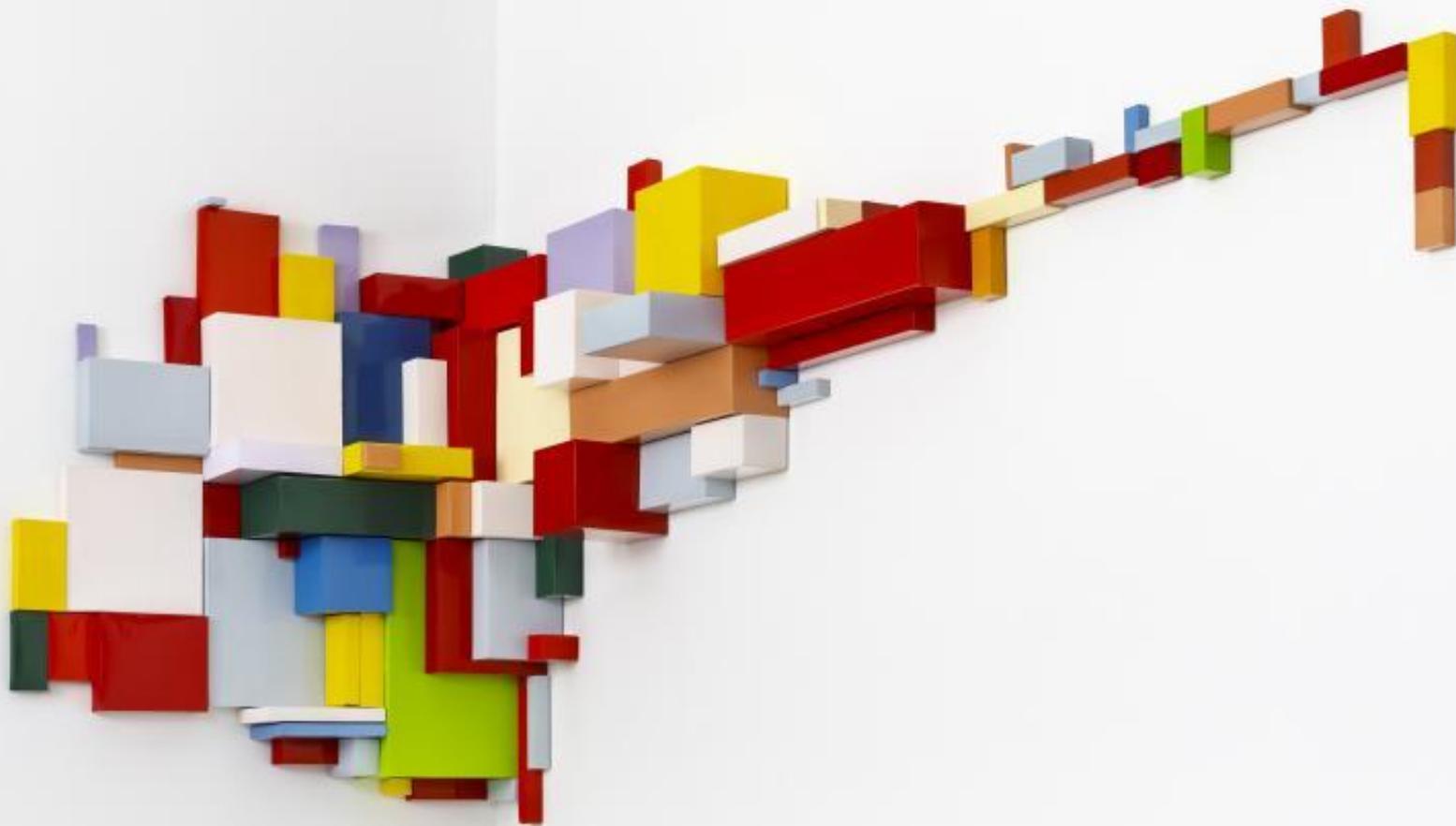
Estudou, de 1986 a 89, na
Goldsmiths, University of
London, especializada em arte,
design, humanidades e ciências
sociais.

A primeira exposição de Hirst foi participar de uma coletiva organizada por ele em 1988, batizada de FREEZE. Da qual participaram, também vários artistas, chamados coletivamente de Jovens Artistas Britânicos (YBAs).

Apresentou três obras: Boxes, Row e Edge feitas diretamente nas paredes do galpão.



<https://vimeo.com/76624966>



Hirst,
Boxes,
1988.



Hirst, Row,
1988.



Hirst, Edge, 1988.



Hirst, Siner, Medicine Cabinet, 1988,
trabalho de conclusão de curso.

Sua primeira individual é: In and Out of Love, de 1991, instalada em dois ambientes. Um deles continha telas brancas nas quais haviam pupas de borboletas coladas. Ao nascerem, se alimentavam de água com açúcar e das flores dispostas no ambiente, mantendo-se vidas e reproduzindo.



White Paintings e Live Butterflies, 1991.

O segundo ambiente continha telas pintadas fixadas nas paredes nas quais estavam coladas borboletas mortas, no centro da sala, uma mesa com maços de cigarros e cinzeiros cheios. Uma recorrência temática de suas obras é Vida e Morte, impermanência e transitoriedade.



Butterfly Paintings and Ashtrays, 1991.



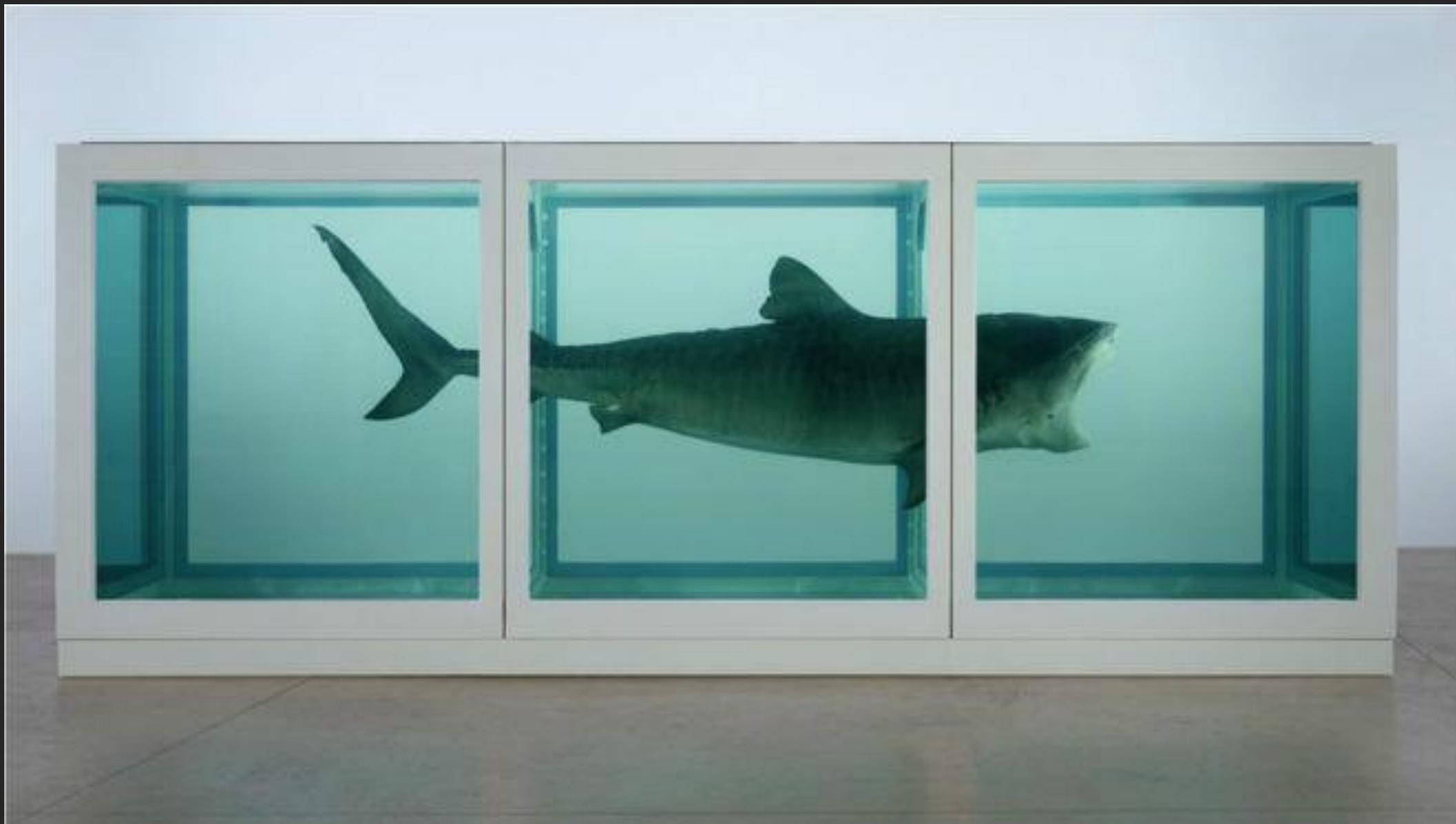
A Thousand Years, 1990, adquirida por Charles Saatchi, que passa a ser seu marchand a partir de 1991.



Hirst, Mãe e filho divididos, 1993.



Hirst, Beautiful, amore, gasp, eyes going into the top of the head and fluttering painting, Spin Paintings, 1997.



Hirst, 'The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living', 'A Impossibilidade Física da Morte na Mente de Alguém Vivo', 1991. Vendida por Saatchi em 2004, para Steven A. Cohen, por 12 milhões de dólares.



And Then There Were Four: A Famous Musketeer, 2002, Mixed Media, 4 × 10 1/5 × 4 in;
10.2 × 26 × 10.2 cm, Edition of 2000pc. This is part of a limited edition set. **€600**



Hirst, Pelo amor de Deus!
2007.

Crânio humano envolto em
camada de platina, com
mais de oito mil diamantes
vendido por cem milhões de
dólares.

Sua última produção:
“Tesouros do Naufrágio do
Inacreditável”, cuja
exposição foi realizada
em 2017, em dois locais:
Palazzo Grassi e Punta
della Dogana em Veneza.

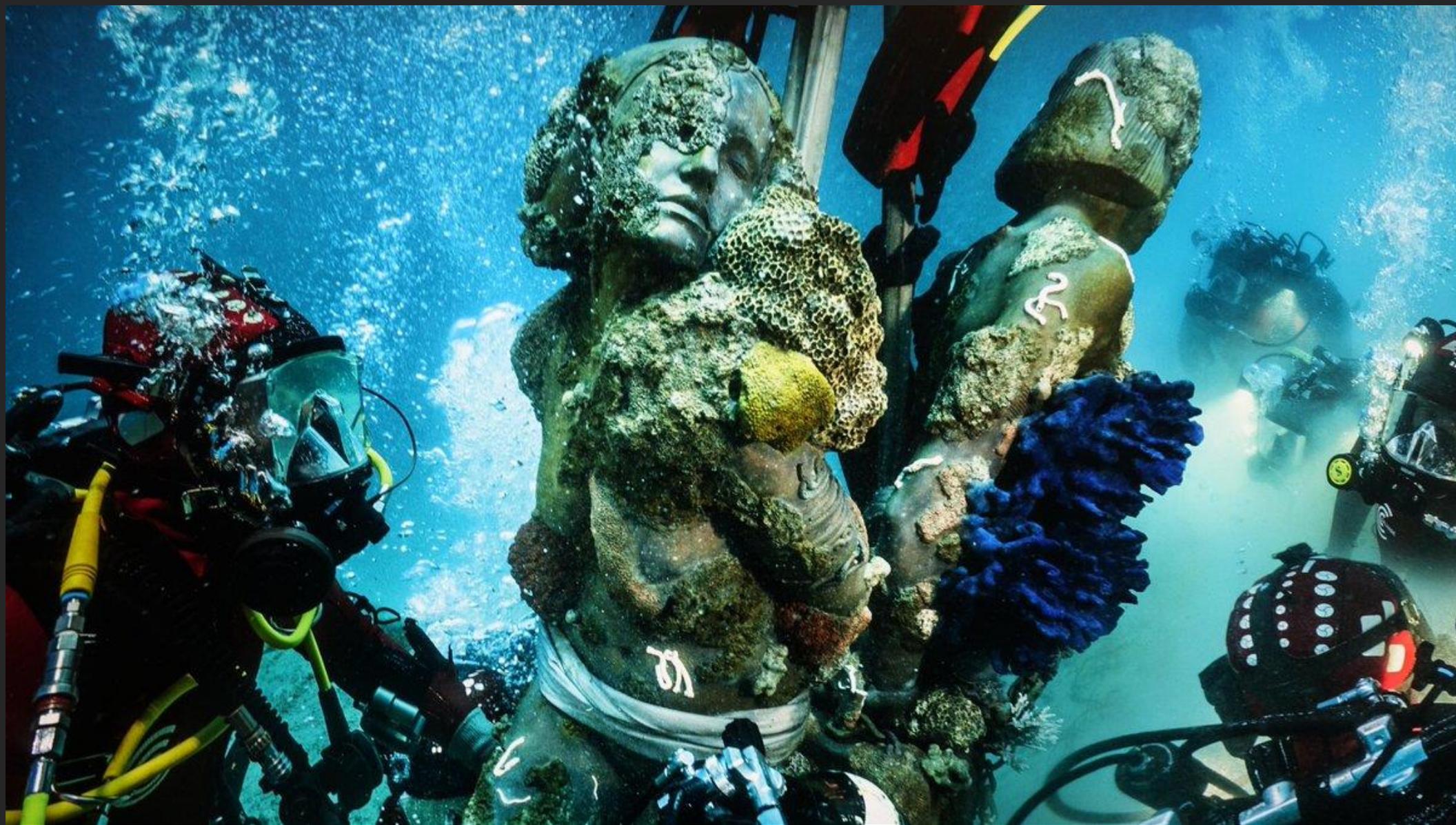
A exposição mostra obras
resgatadas do naufrágio
do Navio Epistos ocorrido,
segundo a lenda, na costa
da África oriental, de
propriedade do escravo
liberto Amothan II, que
viveu entre o I e II a.C.













Rihanna, Pateta, Mickey, Barbie, Hirst, 2017. Exposição que levou 10 anos para ser elaborada e custou em torno de 52 milhões de dólares.



CAMARGO, Isaac A. Prof. Dr. Curso de Artes Visuais - UFMS



Andrea Vessalius, 1543.



Gunther von Hagens, 1977.



Hirst, Antomia mórbida, 2016.



***Recursos
criativos:***
Citação;
Apropriação;
Reprodução;
Mudança;
Transformação;
Morbidez;
Fascínio;
Repulsa;
Riqueza;
Banalidade;
Desconforto;
Surpresa;
Sátira;
Ironia;
Lugar comum;
Conflito.

A construção de Hirst.

Senso de oportunidade;

Audácia;

Ambição;

Objetividade;

Perfeccionismo;

Persistência;

Perspicácia;

Proatividade;

Imaginação;

Visão geral;

Sensibilidade;

Humor;

Confiança;

Sagacidade e

Relacionamentos!

Tais qualidades ou competências não são típicas do contexto artístico, mas correspondem às características de indivíduos empreendedores.

A produção artística, muitas das vezes, é realizada por meio do auto-empreendimento.

Hirst tem sua empresa: Science LTD, um estúdio em Stroud, England.

Enfim, como professor quero acreditar que tenha contribuído para uma reflexão produtiva sobre o Sistema de Arte, seja no que diz respeito à formação no campo da Arte, como também sobre os meios, recursos e circunstâncias que interferem, dialogam e contribuem para a existência e manutenção da Arte no tempo atual.